

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE PARA A SAÚDE MENTAL DOS DOCENTES

Recebido em: 12/05/2023

Aceito em: 14/12/2023

DOI: 10.25110/educere.v23i4.2023-007

Rayanne Christine Oliveira Costa ¹
Flávio Muniz Chaves ²
Camila Saraiva de Matos ³
Ivo Batista Conde ⁴
Aline Kelly Costa Bastos ⁵
Jacqueline Barbosa dos Santos ⁶
Tereza Maria da Silva ⁷
Erbenia Maria Girão Ricarte ⁸

RESUMO: Este estudo propõe uma reflexão acerca da saúde mental dos professores universitários, categoria de profissão que é considerada uma das mais estressante por ocasionar grande esgotamento no aparelho psíquico, em razão disso se faz necessário mais contextualização sobre essa vulnerabilidade que, por consequências, se transforma em doenças mentais e somáticas. Com característica descritiva e qualitativa e com o percurso metodológico bibliográfico, a pesquisa buscou, à luz da psicanálise, exteriorizar um saber que vai de encontro com a subjetividade do docente, possibilitando uma compreensão e condições de enfrentamento para seus desafios de equilíbrio mental frente à sua realidade. Espera-se que esse estudo instigue novas pesquisas sobre a avaliação da saúde mental dos docentes e a intervenção da psicanálise na preservação da prática docente, promovendo um retorno a si mesmo, atendendo suas respectivas relações.

PALAVRAS-CHAVE: Docentes Universitários; Saúde Mental; Sofrimento; Psicanálise.

¹ Especialista em Gestão e Docência na Educação Superior pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2020). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5015-3430>.

E-mail: rayne_mylla@hotmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Instituto Federal do Ceará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3193-3052>.

E-mail: flavio.muniz@ifce.edu.br

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará.

E-mail: camilasaraiva28@hotmail.com

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6481-8598>

E-mail: ivoconde@msn.com

⁵ Mestranda pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Docente/Gestora da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

E-mail: aline_ufc@hotmail.com

⁶ Mestranda pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Docente/ Gestora PELA Prefeitura Municipal de Fortaleza.

E-mail: jacquelinesaint@gmail.com

⁷ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará.

E-mail: terezaceifa@gmail.com

⁸ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Instituto Federal do Ceará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9708-7418>.

E-mail: erbeniaricarte@hotmail.com

THE CONTRIBUTION OF PSYCHOANALYSIS TO TEACHERS MENTAL HEALTH

ABSTRACT: This study proposes a reflection on the mental health of university professors, a profession category that even though it is considered one of the most stressful because it causes great exhaustion in the psychic apparatus, because of that it is necessary for more contextualization about this vulnerability that, by consequences, become in mental and somatic diseases. With a descriptive and qualitative characteristic and with a bibliographic methodological path, the research sought the light of psychoanalysis to externalize a knowledge that meets the subjectivity of the teacher, enabling an understanding and coping conditions for his mental balance challenges in face of his reality. It is hoped that this study will instigate new research on the evaluation of teachers' mental health and the intervention of psychoanalysis in the preservation of teaching practice, promoting a return to themselves, attending their respective relationships.

KEYWORDS: University Teachers; Mental health; Suffering; Psychoanalysis.

LA CONTRIBUCIÓN DEL PSICOANÁLISIS A LA SALUD MENTAL DE LOS PROFESORES

RESUMEN: Este estudio propone una reflexión sobre la salud mental de los profesores universitarios, categoría de profesión que se considera una de las más estresantes porque provoca un gran agotamiento en el aparato psíquico, por lo que es necesario contextualizar aún más esta vulnerabilidad, que, en consecuencia, se convierte en enfermedades mentales y somáticas. Con características descriptivas y cualitativas y con un recorrido metodológico bibliográfico, la investigación buscó, a la luz del psicoanálisis, exteriorizar un conocimiento que responda a la subjetividad del docente, posibilitando una comprensión y condiciones de afrontamiento de sus desafíos de equilibrio mental frente a su realidad. Se espera que este estudio impulse nuevas investigaciones sobre la evaluación de la salud mental de los docentes y la intervención del psicoanálisis en la preservación de la práctica docente, promoviendo el retorno a sí mismos, atendiendo a sus respectivas relaciones.

PALABRAS CLAVE: Docentes universitarios; Salud mental; Sufrimiento; Psicoanálisis.

1. INTRODUÇÃO

A visão do mundo contemporâneo em que vivemos vem caminhando com interpretações mais formuladas sobre a saúde mental no campo do saber, isto é, do sujeito neste caso os professores universitários. Porém a falta de uma base de sustentação para com os docentes acarreta o desenvolvimento da intolerância à frustração, mecanismos negativos na forma de exercer a docência e principalmente aos desafios de ordem psíquica promovendo sintomas e/ou adoecimento psíquico.

Esse mal-estar constitui na necessidade de mais discursos críticos sobre a vulnerabilidade dos docentes, na contemporaneidade, os estudos são direcionados para

as reflexões de responsabilidade social do ensino, visando a aprendizagem dos alunos destacando a inteligência, o desejo e a garantia que o ensinante cumpra com seu papel.

Nessa perspectiva, é importante contextualizar que esse profissional da educação diante das exigências, das responsabilidades sociais, dos desafios dentro e fora da sala de aula (instituição), da coletividade (colegas de profissão), das habilidades emocionais, de suas competências didáticas e da relação com os discentes, nos deparamos com a subjetividade do sujeito, assim, presenciando um esgotamento do aparelho psíquico impactado pela inevitável intensidade de envolvimento em sua prática docente.

Levando em consideração a educação como um campo complexo e suas partes de estudos de subjetividade e fragilidades em professores, a educação de modo geral permite uma análise das necessidades enquanto sujeitos antes mesmo que adoçam e a psicanálise como auxílio preciso para os diversos “sujeitos” que possam existir e acabem tornando-se um sintoma.

Psicanálise é o nome: 1. ° De um método para a investigação de processos anímicos inacessíveis de outro modo. 2. ° De um método terapêutico de perturbações neuróticas baseado em tal instigação; e 3. ° De uma série de conhecimentos psicológicos assim adquiridos, que vão constituindo paulatinamente uma nova disciplina científica (FREUD, 1950, p. 90).

A pesquisa tem como tema: Educação e Psicanálise, o crescente interesse por essa relação a que é atribuído no aspecto que vai além da psicologia escolar e passa ser mais ampla no sentido de “casar” a transmissão psicanalítica com a educação, paralelamente orientando o sujeito para enfrentar o cenário que atua mediante sua realidade.

A discussão traz um questionamento: quais os possíveis sofrimentos psíquicos ocasionados pela prática docente? Portanto, se faz necessário entender que não nortearmos a pesquisa voltada para aplicabilidade da psicanálise nos processos de aprendizagem, mas uma análise de uma orientação psicanalítica para com os docentes, discernindo o que lhes fazem sofrer psiquicamente, remodelando a relação do eu sujeito inconsciente com o eu sujeito social.

A investigação tem como objetivo geral: descrever à luz da psicanálise os problemas decorrentes da vulnerabilidade dos docentes. A partir dele, elencamos os objetivos específicos: analisar a contribuição da psicanálise na formação docente; identificar os principais sintomas de adoecimento psíquicos nos professores universitários e relacionar a mediação psicanalítica com subjetividade docente.

Estruturamos o trabalho em três sessões. A primeira parte aborda brevemente a articulação da psicanálise e educação, a segunda relata a saúde mental dos docentes universitários. E por fim, o estudo apresenta a transmissão Freudiana na subjetividade docente.

A presente pesquisa é do tipo descritiva e qualitativa em razão de reflexionar a problemática que instigou a contextualizar a relevância do estudo. Segundo Gil (2008, p. 26) define “pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”.

No tocante à abordagem qualitativa nos fundamentamos por Minayo (2016) ao asseverar que pesquisas qualitativas trabalham “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social” (p. 21), nessa perspectiva olhar o adoecimento docente remete a marcas do cotidiano docente.

Para a efetivação da pesquisa, foi utilizado o método bibliográfico a partir de livros, artigos, etc., que proporcionou analisarmos o fenômeno do adoecimento docente, tendo um conglomerado de textos relevantes à pesquisa em questão. Embasamos nossa investigação quanto ao método bibliográfico a partir de Gil (2008) ao asseverar esse tipo de pesquisa permite “ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (p. 50). A pesquisa bibliográfica possibilitou olharmos melhor nosso objeto de estudo, com isso possibilitando um melhor entendimento a elementos que levam ao adoecimento de docentes.

Sobre o elo existente entre docentes universitários e a saúde/doença mental, as informações não se acabam, ficam cada vez mais um olhar de análise nesse campo tão complexo. A tônica da pesquisa justifica-se por ancorar discussões que evidenciam as contribuições do campo científico envolvendo a saúde mental dos docentes. É necessário ressaltar que área da educação muitas vezes é atravessada por questões inter-relacionadas em hermeticidade que perpassam as demandas apontadas pelas instituições acadêmicas. Logo, pensar sobre a qualidade e a saúde mental dos docentes universitários implica no debate acerca da formação dos mesmos, haja vista, que essa envolve questões cunho científico, político e social. O ser professor e o campo da educação são atribuídos a função de promover a socialização de saberes, de ciência, das artes produzidas socialmente, de ter princípios éticos e políticos, estando aptos a interpretar as urgências trazidas pelo seio social e direcionar tais demandas em ações educativas.

Contudo, para que a educação seja promovida com êxito é importante pensar na qualidade do professor e isso inclui os aspectos relacionados a saúde mental.

A busca por alternativas ao adoecimento ligado ao docente faz jus à justificativa pela escolha do tema, pois as pesquisas quanto a essa temática são relativamente necessárias, visto que o cenário de pandemia e diminuição de casos entre os anos de 2020, 2021 e 2022, os relatos de adoecimento de docentes estão mais evidentes.

2. A ARTICULAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

Se antes houve algumas falhas nesse questionamento de aproximação dos saberes como relata a autora Kupfer (2001) em sua obra: Educação Para O Futuro. Psicanálise e Educação, que nos mostra as várias tentativas negativas, mas também novas discussões e que sim, é possível entrelaçá-los não só na teoria, mas na prática também.

A referida obra apresenta seus pensamentos sobre a relação entre a psicanálise e educação, neste sentido apresentando trechos de artigos escritos pela própria escritora, trechos de suas aulas e de professores de uma pré-escola terapêutica que discorre o tratamento em crianças com transtornos graves levando a aproximação da psicanálise e a educação especial. A base central de sua obra é a metáfora de casar a “psicanálise e educação”.

Esse interesse de mesclar as duas ciências vem desde a época de Sigmund Freud (1950; 2016), no qual houve desejo pela área da pedagogia com intuito de ajudar na compreensão sobre o desenvolvimento da criança e adolescente, porém, por curto prazo, tratando-se de uma educação psicanaliticamente orientada de cunha humanista, sua finalidade passa a não fazer sentido já que os nossos priores disposições” caracterizam com base no processo civilizatório. “A religião fôra neurose coacta geral, da humanidade; tal como criança deriva do complexo de Édipo, das relações com o pai” (FREUD, 1950, p. 49).

É desde a infância que o sujeito é submetido a uma pressão dada pela sociedade, sendo a educação o meio pelo qual a criança que aceita sua realidade do jeito que é, oculta seu conhecimento conforme vai se descobrindo o que está relacionado à sexualidade. Assim segundo De Sousa e Gagliotto (2023), durante o processo de desenvolvimento da sexualidade, surgem ideias e preconceitos que acabam por apresentar uma visão dominante do que é a sexualidade, trazendo consigo valores, normas, medos, vergonha e outras formas de ver, ouvir e experimentar a sexualidade,

que são influenciados pelo momento histórico em que vivemos, bem como pelos interesses sociais, políticos e econômicos.

É interessante perceber que essas ciências interdependentes, mas de reconhecimento e aplicação social, Segundo Kupfer (2001), é possível não só aproximar a psicanálise com a educação especial, como ir mais além, por exemplo, a aproximação com qualquer outra educação. Para isso, é de suma importância que a educação passe a levar em consideração questões como: complexo de Édipo, conflitos, frustração e agressividade, pontos importantes da psicanálise.

São diversas interpretações diante da formação do indivíduo crítico, com a constituição do funcionamento mental, é nessa perspectiva da formação e bem-estar do aparelho psíquico do ser humano, no campo educacional a psicanálise pode possibilitar subsídios norteadores (FILHO; CHAVES, 2016).

Seguindo esta premissa no que diz respeito na formação dos docentes universitários ao ato de ensinar que podemos acrescentar o desejo, a libido e, por conseguinte, tratando-se de uma ação orientada pela psicanálise, o que se torna uma contribuição para se reformular um outro jeito de vivenciar no seu meio educacional.

A psicanálise pode transmitir ao educador (e não à pedagogia) uma ética, um modo de ver e de educar sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo, naturalmente, das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho” (KUPFER, 2001, p. 9).

É preciso ressaltar que a conexão a qual estamos analisando é entre psicanálise e educação, descartando a pedagogia que seria outro contexto, pois mesclar o emocional com cognitivo como ressalva a autora, passam bem distante uma da outra, isso se dar por conta de que ambas são construídas de pressupostos e valores diferentes, assim, para a autora: “Não existem afetos inconscientes, e sim representações inconscientes: ideias e imagens que, uma vez tornadas inconscientes, podem insistir em retornar, e o fazem sob a forma de sonhos, de atos falhos ou de outras formações. Pode retornar, sobretudo, sob a forma de sintomas” (KUPFER, 2001, p. 19).

Outro fator importante a mencionar em termos psicanalíticos, o sujeito inconsciente acontece pela linguagem, ou seja, da fala propriamente dita, nesse sentido, conforme a autora, podemos entender a linguagem não apenas como um instrumento para distinguir o homem de outros animais, mas na constituição de sua característica subjetiva, frente à essa concepção relacionamos com a subjetividade/docente.

O Comportamento docente diante das questões educacionais que exige de si reflexões sobre sua prática social, o sentido de sua didática e suas finalidades para com o sujeito aprendente, vivências e ações que se modificam em estados psicológicos. Além disso, essas modificações que os professores universitários precisam confrontar e se alinhar diante das mudanças no contexto social, cultural e organizacional (compreendemos a complexidade de sua atividade docente) requerem decisões éticas e políticas em um cenário que muitas vezes é conflituoso e incerto.

Em *O Futuro de Uma Ilusão*, Freud (1950) com suas abordagens, ajuda-nos a compreender o que é subjetivo, uma experiência individual seja de atitudes com um bom sucesso ou insucesso do qual é determinada a sofrer nas transformações em várias situações ante a vida, de forma complementar de sua época para os dias de hoje.

A relação da psicanálise com a educação que Freud acreditou por alguns anos de sua vida no âmbito escolar, na tentativa de prevenir os sujeitos das neuroses e os tornarem um pouco mais felizes, desligou-se ao perceber que nesse sentido a educação não poderia oferecer muito, mas tendo em vista o reconhecimento da educação como um discurso social e psicanalítico dentro desse campo que se dispõe a dialogar para melhor visão dos mesmos no contexto da contemporaneidade. A psicanálise vem mudando a educação, uma educação para o sujeito como destaca Kupfer (2001):

A psicanálise entendida não apenas como um corpo teórico, mas nela incluindo cem anos de práticas, análises, movimentos institucionais, e de outro, a educação entendida como um conjunto de discursos sociais em circulação também há cem anos, então teremos de afirmar que a psicanálise – teoria e prática mudou a educação (KUPFER, 2001, p. 117-118).

Assim, pode-se dizer que não basta somente se adaptar e conviver com as transformações, contudo é fundamental investigar que tipo de impacto maior pode ser gerado nos docentes universitários, pois se torna propício a criar insatisfações e angústias.

A esse fator psicológico em meio ao ambiente ameaçador não visível, não no quesito diretamente a nocividade física/corpo, mas flagrante a um problema psicológico seguido de somatização. De acordo Freud: “Em verdade, é psicanálise um método de pesquisa, um instrumento imparcial, algo como o cálculo infinitesimal” (FREUD, 1950, p. 42).

É a partir desse método Freudiano que se possibilitam termos bases, teóricos psicanalíticos para identificar e analisar o que ocasiona a desordem psíquica nos docentes universitários, como pode ser observado a seguir.

3. SAÚDE MENTAL EM DOCENTES UNIVERSITÁRIOS

A sociedade está cada vez mais adoecida, percebe-se o crescimento constante da farmacologia justamente pela dependência desses remédios por consequências dos sofrimentos psíquicos que alteram a ordem mental.

Esse mal-estar na saúde mental vai ao encontro do corpo, comportamento e meio social no qual o sujeito está inserido, isso ocorre muito no campo da psicopatologia do trabalho, a relação saúde mental x trabalho que na teoria Dejours (1987), nos mostra a dimensão do vínculo na constituição do sujeito para a descompensação psíquica que se dá quando o trabalhador em questão individual é reprimido de seus desejos, da falta de autonomia em relação as suas atividades em conformidade a sua subjetividade, um marco importante para ressaltar sobre a vida psíquica que se define como integração de vários órgãos que, uma vez impactada por certa intensidade de sofrimento, implicará na saúde física e mental.

São várias as categorias de trabalho que apresentam características pertinentes à doença como o campo educacional, em especial os professores universitários os quais vêm apresentando quadros nocivos ao aparelho psíquico.

Segundo Freud (2016), sobre a questão da finalidade humana do que o sujeito pode alcançar desejando nela, ele responde com a busca pela felicidade, o desejo e o esforço do sujeito em permanecer feliz, empregando algumas estratégias para enfrentar o sofrimento vivenciado no mundo.

É relevante pensar sobre essas questões de afastamento do sofrimento, para que possamos entender melhor o comportamento do sujeito no mundo externo que, de acordo com o autor, é determinado pelo princípio de prazer, e o trabalho como uma possibilidade de dar prazer e distanciar a insatisfação. Essas possibilidades são limitadas aos que fazem experimentar infelicidade em três fontes, a do corpo; a do mundo exterior e da relação com outras pessoas, o que podemos ver que não se chega a um estado de felicidade plena com nenhuma estratégia.

Esse processo de subjetividade em relação à felicidade como é enfatizado por Freud e a significação do trabalho na vida do sujeito, como ressalva Dejours (1987), nos

faz compreender que é de cada indivíduo a forma em que se adapta ao mundo externo e o que concerne o sujeito a ficar entrelaçado entre o que o lhe faz sofrer e ter prazer.

É muito instigante observar a categoria educacional na qual a saúde mental dos docentes universitários é posta à prova todos os dias, resultado disso pode ser visto em pesquisas científicas que apontam a educação como uma das profissões mais estressante, pois hoje ensinar passa a ser uma atividade desgastante, considerando o adoecimento mental, vale destacar alguns aspectos que contribuem para o sofrimento psíquico profissional pelo seu ato de ensinar.

Da relação docente e instituição: podemos mencionar as mudanças de implementação educacional, exigências sobre o desempenho qualificativo, a burocracia da coordenação, as atividades extremamente programadas e controladas, relações competitivas, falta de reconhecimento alimentado por falsas possibilidades e, sobretudo, o posicionamento político docente (PINTO; SILVA, 2015).

Da relação docente e discente: para deixar mais compreensivo esta relação, podemos considerar uma das mais conflitantes e provedora de prazer para o docente, pois vale ressaltar que é aqui atuação de responsabilidade educativa do professor em formar sujeitos críticos e dá sentindo o que é exposto de conhecimento dentro da sala de aula. É dentro desse processo de ensinar e aprender que devemos levar em conta o comportamento emocional e racional dos discentes que transferem aos seus docentes expressões de carência, dependendo da situação de violência também. Os docentes são como fonte de assistência que oferecem, além do ensino, uma educação de ver e ouvir.

Quando mencionamos esta relação como fonte de prazer, estamos apontando o desejo do docente em ensinar, em que sua identidade profissional é representada pelo seu ato, podemos assimilar como as experiências vivenciadas nesse processo de construção da identidade, as tomadas de decisões, o desenvolvimento de suas práticas durante esse percurso (MACHADO, 2014).

E por fim, a subjetividade do eu-professor, neste último aspecto, indaga a interpretação do docente no que foi descrito acima, o reconhecimento de suas dificuldades, uma reflexão de si mesmo, sobre sua prática, sua fala, adaptação do seu desempenho profissional diante das frustrações pelo que gostariam de fazer e o que fazem de real sob alguma imposição.

Machado (2014) argumenta que essa construção reflete na identidade pessoal, pois demanda tempo para se adaptar as mudanças, aos conflitos como foi citado acima, uma construção e reconstrução que se remete também ao docente como parte do

contexto social, cultural e educacional em que está inserido, objetivando a formação e humanização dos sujeitos. Segundo Laville (2005)

Podemos ter construído um eu-profissional quase confortável, e mesmo assim não estar plenamente satisfeitos; podemos então despertar as partes de nós que ‘escolhemos’ antes de adormecer, de congelar. Atenção: o despertar, o degelo, não acontece sem sofrimento, mas nem por isso acontece sem prazer (p. 114).

É nesta concepção sobre os professores entre o prazer e o sofrimento que de acordo com Dejours (1987), é através da história do trabalhador, de suas experiências que podem ter vantagens na sua fala para então ir em busca da exploração do sofrimento mental ligado ao prazer, “é precisamente isto que deve ser estudado pela psicopatologia do trabalho; o que acontece com a vida psíquica do trabalhador desprovido de sua atividade intelectual” (p. 43). Quanto às doenças ocasionadas pelo trabalho, mais precisamente pela prática docente como: estresse, angústia, cansaço, desequilíbrio do corpo com a mente, ansiedade e depressão, são as mais apontadas por estudos científicos, assim, evidencia o crescimento de investigação para essa categoria de trabalho.

A importância de investigar e de colocar a saúde mental dos docentes universitários no centro de reflexão, assim como a educação que para o desenvolvimento humano são primordiais no que diz respeito ao objetivo de transformação social, o desejo e o prazer que o docente tem em contribuir. Segundo Freud (2016):

Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas de grupo, culturais; é um dos problemas que concernem ao seu próprio destino, a questão de se este equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel (p. 41).

Com a psicanálise, é possível investigar a origem do adoecimento, a compressão da subjetividade do docente no que ele tem mais de profundo do seu eu, na tentativa de alcançar esse equilíbrio antes que se transforme em doenças mentais e somáticas.

É através do seu método que Sigmund Freud (1950) inovou a sua busca pela interpretação e o tratamento dos seus pacientes transmitindo o saber médico para o próprio paciente, Freud alcançou resultados desejados para a cura dos adoecidos, pois o

melhor conhecimento sobre si é o do sujeito sobre ele mesmo, em suma, o analista com um fazer em auxiliar o sujeito em sua busca interior.

No que concerne à técnica psicanalítica, Freud (1950) definiu o inconsciente e consciente do aparelho psíquico, o que mais na frente novas descobertas em seus estudos os denominam de id, ego e superego como explica Laville (2005, p. 63):

O id, polo pulsional da personalidade, o ego, representante da totalidade da pessoa, e o superego, instancia crítica... nesta perspectiva, os três sistemas estão em interação: o ego, enquanto agente de adaptação, é de todo modo tomado à parte pelas duas outras instâncias que o “sacodem” cada uma de seu lado. Isso explica que o conflito esteja na base da vida psíquica. (p. 63).

A vulnerabilidade da saúde mental dos docentes não pode ser desassociada à sua prática profissional, pois, como já destacamos nesse texto, os possíveis conflitos que cada docente poderá ter, acreditamos que a psicanálise pode oferecer para os professores universitários melhor compreensão para a própria vivência e suas representações na vida profissional.

É sob a luz da psicanálise que trataremos da transmissão psicanalítica, um saber para o sujeito individual e reflexões sobre grupo de acompanhamento para os docentes universitários no próximo item a seguir.

4. A TRANSMISSÃO FREUDIANA NA SUBJETIVIDADE DOCENTE

Chegamos à parte tão desejada desta investigação, depois de percorrermos pela articulação entre as duas ciências e a saúde mental dos docentes universitários, por fim falaremos da transmissão psicanalítica.

A preocupação com a saúde mental dos docentes universitários é crescente. A atuação da psicanálise por sua vez, vem ganhando mais espaço na contemporaneidade, diferenciando da época de seu criador Sigmund Freud (1950), na qual constituía a clínica psicanalítica em: neuroses de transferência, histeria e neuroses obsessivas. Atualmente, para Martins (2009) o campo de atuação da psicanálise traz uma nova reformulação dos seus conceitos para se obter uma melhor compreensão dos novos sintomas que a clínica está atendendo como: transtornos alimentares, diversas compulsões, toxicomania, entre outros.

Além disso Kupfer (2001) assevera que a procura por essa psicoterapia não apenas a da clínica em si, ou seja, de sua característica tradicional popularmente conhecida como a pessoa estar no divã, em que nela busca-se a fala do analisando em

processo de análise, mas de uma transmissão psicanalítica, que, tratando-se de uma aplicação social, vem dialogando com as Universidades com bases teóricas fundamentadas que podem ir ao encontro da subjetividade docente.

Segundo Kupfer (2001, p. 123) “a transmissão da teoria psicanalítica pode ser feita na universidade, no segundo grau, na instituição psicanalítica, produzindo os efeitos subjetivantes de qualquer teoria que fale do sujeito”.

Pode-se dizer que os efeitos desta transmissão ao docente podem ser reflexivos em dois sentidos: um saber psicanalítico individual do próprio desejo do docente e sua singularidade, e um saber em relação a grupos de acompanhamento de docentes. É importante entendermos que não se trata da psicanálise em seu trabalho analítico padrão e nem de uma nova técnica de trabalho obrigatório, no entanto, este saber teórico psicanalítico oferece um norte para modificações psíquicas do consciente mais prolongadas (FREUD, 1950), e nas relações com os discentes que venha a ser um suposto objeto no sentido para seu desejo de educar.

Ainda segundo Kupfer (2001), de forma complementar para o entendimento do saber teórico psicanalítico, o qual diferencia o sujeito de análise que se é encontrado somente no *setting* analítico através da transferência de relação objetiva especial entre analisante e analista, um saber em psicanálise deve estar em coerência interna, aliada ao simbolismo no qual o real está recalcado. Assim, a transmissão da teoria para o docente não seria igual se ele estivesse em processo de associação livre, ou seja, colocado a se autoanalisar, relatando suas associações mesmo que elas não sejam agradáveis, julgáveis insensatas, ou enfadonhas, mas significativas para encontrar o caminho o qual está esquecido ou recalcado (FREUD, 1950).

Faz-se necessário pontuarmos os princípios da psicanálise e tomar as contribuições Freudiana para subjetivação da saúde mental dos docentes. A transmissão desse saber, voltado para as relações do docente no seu campo de atuação social, traz o resgate do sujeito inconsciente, apontando-o para o real, permitindo que suas angústias e insatisfações não impeçam de realizar seu exercício profissional, o que não significa que o seu sofrimento psíquico esteja tratado. Para essa finalidade, faz-se necessário um tratamento em análise clínica, o que estamos abordando é uma contribuição da psicanálise para uma tomada consciente de conteúdo do inconsciente que intervém na saúde mental dos docentes universitários, interferindo negativamente em seu fazer educativo (PEDROSA, 2010).

Sobre as novas mudanças de formação que independente do desejo consciente do docente, Franco (2012), define que é

“Uma prática que forma, informa, e transforma, simultaneamente, o sujeito e suas circunstâncias; por outro lado, há uma prática que oprime, distorce e congela o sujeito que nele se exercita, o qual, neste caso, perde o acesso as suas circunstâncias” (p. 187).

Essas insatisfações interferem na prática de ensino dos docentes já que o aperfeiçoamento de sua identidade profissional também é subjetivo.

Todavia Laville (2001) levanta uma reflexão de como assessorar o docente a interagir com essas mudanças na sua prática efetiva, de forma que estas sejam um aperfeiçoamento e um desenvolvimento de sua construção profissional e não as que afetam sua estrutura psíquica. Além de introduzi-las, alinhar-se com sua didática o docente as devolve em seu discurso rotineiro praticando nas atividades com os seus alunos.

O desenvolvimento desse processo precisa de mais flexibilidade no sentido de interiorizar as informações sobre as formações, observação nos processos de vivências e reflexivos de sua prática, dentro desta concepção, façamos outra reflexão, de como ajudar os docentes em sua subjetividade em receber e interagir com sua prática efetiva para que o equilíbrio mental não seja afetado.

Ainda sobre a formação docente, referindo-se a uma escolha subjetiva que não é imposta, mas uma decisão do próprio docente em adquirir esse saber psicanalítico a partir de uma formação clínica ou de uma análise pessoal (PEDROSA, 2010), é notória que a psicoterapia possibilita o docente compreender e interpretar os registros que a psicanálise aborda mediante os sujeitos: imaginário, simbólico e real, na construção desses sujeitos, neste caso os docentes em relação aos outros.

No âmbito dessa abordagem, Laplanche e Pontalis (1991) nos faz perceber melhor o imaginário, simbólico e o real, do campo psicanalítico proposto por J.Lacan, para que consigamos dialogar com esses três registros psíquicos na construção do sujeito docente:

Do ponto de vista intersubjetivo: a relação chamada dual baseada na imagem de um semelhante, e captada por ela...Para designar uma estrutura cujos elementos discretos funcionam como significantes (modelo linguístico), ou de modo mais geral, o registro a que pertencem tais estruturas...acentua-se o real que o sujeito desconhece, ou porque descuida as condições que lhe

permitiriam realiza efetivamente o seu desejo, ou porque deforma a sua apreensão do real (LAPLANCHE; PONTALIS (1991, p. 234, 481, 428).

Nesta situação exemplificamos o imaginário, como sendo as suas próprias concepções, as imagens que o sujeito docente faz sobre o ambiente educacional que ele está inserido, é importante destacar aqui as transformações histórico-sociais relacionadas à sua função, mudanças que além de trazerem uma releitura para as suas relações com os outros, não deixam de interferir também nos seus objetivos, sua cultura e valores. (DIEHL; MARIN, 2016).

Em seguida, o simbólico como as formas de representações que o docente tem sobre o real, neste caso sua situação didática, seu modo subjetivo de representar aquilo que se pensa. Nesse sentido, percebemos o docente como responsável de transmitir um saber atendendo as demandas da instituição e de seus discentes em que a representatividade do saber para com os outros e diante de si transfigura-se de maneira obscura, pois além do saber sobre essas demandas, vem a ele outras demandas imaginárias que o docente sabe, no entanto sabe sem o saber de fato e que são dirigidas através dele, como explica Laville (2001), são demanda relacionadas ao discente como sujeito que revivifica em um espaço pedagógico.

Para concluir a sequência, ponderemos sobre o registro real que é a soma das duas instâncias descrita acima, é maneira pela qual o docente pensa e expressa aquilo que ele pensa, entretanto, esse manifesto não é preciso, ou seja, o real não é absoluto. Para compreendermos melhor, vejamos o docente sobre as demandas imaginárias do saber relacionado aos discentes, onde ele se empenha para atender da melhor forma, tem a responsabilidade de cumprir com sua função, pois está sendo pago para isso, e mesmo pensando por muitas vezes que “sacrificar-se” para essa realização, seu desejo e prazer são expressos, porém sabe-se que não satisfaz o desejo do outro, preenchendo as faltas das demandas imaginárias mais antigas em sua totalidade, visto que sucede uma dupla transferência do saber, isto é, o desejo do saber pelo discente que contraditoriamente é conduzido para o desejo um tanto dúbio do docente, conforme o esclarecimento da autora (LAVILLE, 2001).

Enfatizando a subjetividade do docente frente a esta situação, inevitavelmente as dúvidas começam a surgir a respeito de si relativamente com o seu saber. O docente se perturba por interrogativas de possuir ou não um saber suficiente, comparando sua imagem com os demais colegas de profissão, isso caracteriza como um fator angustiante para sua saúde mental.

Observemos ainda no contexto sobre o real, a importância da linguagem. É preciso o simbólico e imaginário para poder perceber o real, é o que acontece em falas de sujeito na clínica psicanalítica, a partir do momento em que ele vai nomeando algumas coisas, passam a existir, quando o docente se depara com seu real, ele se depara com suas angústias, seus sofrimentos internos, através da linguagem, passam a ter sentido sendo assim produzindo a sua realidade, melhor dizendo, o real que atravessou as vias imaginárias e simbólicas.

Através da fala (discursos docentes), podem-se demarcar os pontos de sofrimento e o prazer que o eu-professor carrega em si, com a técnica psicanalítica nesse mesmo processo podem ser vistos o que não conseguiria apenas se observasse suas aulas. A autora nos remete a significância dos grupos de análise da prática docente na qual alguns sujeitos-professores no primeiro momento se oprimem em sua “fala”, mas como passar do tempo se sente mais à vontade ao relatar suas vivências e perturbações em sua prática.

Trabalhar a análise das práticas docente em suas implicações psicológicas dos professores universitários acompanhado de um referencial psicanalítico, fazem-se necessárias sessões regulares na medida em que vão acontecendo os relatos, e as descobertas individuais a animadora do grupo, a pessoa que é responsável em mediar esse acompanhamento, identificando em sua escuta analítica podemos por dizer assim, os atos falhos, lapsos, as associações de cada um, para que o docente possa com o tempo da experiência suportar suas angústias, os seus temores (LAVILLE, 2001), promove-se então uma reflexão em grupo após cada relatos que são momentos conflitantes em relação aos discentes, a instituição e o eu-professor (PEDROSA, 2010)

O espaço criado para os docentes vem com um objetivo também de ser transformador, no que diz respeito a mudar suas questões conforme sua experiência no grupo, pois já relatado e feita reflexões, por conseguinte as ligações imaginárias começam a ser desfeitas, o docente passa então a ter condições de enfrentar os desafios cotidianos, não significa que seus sofrimentos acabem de maneira imediata, porém, os grupos de acompanhamento possibilitam um fazer psicanalítico através da fala docente e uma escuta na qual os processos psíquicos e inconscientes vão se deslocando na tomada consciente diminuindo o que lhe fazem sofrer.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da relevância da saúde mental dos docentes universitários revela um aumento significativo do sofrimento psíquico nesse grupo profissional. É evidente que a deterioração mental relacionada ao ato de ensinar deriva de três tipos de interações: da relação docente e instituição; da relação docente e discente e do eu-professor, essas poderão ocasionar doenças mentais e somáticas, no entanto, percebemos que existe um interesse sobre esse entrelaço do docente entre o prazer e o sofrimento.

De acordo com as pesquisas utilizadas no presente trabalho, não nos referindo as de caráter psicológicas, mas de abordagem no âmbito da prática educacional, os conteúdos são voltados para o ensino-aprendizado, expondo o foco maior neste sentindo, houve certa dificuldade em encontrar pesquisas novas e exclusivas a essa abordagem do sofrimento docente.

Entretanto, os autores demostram em algumas partes de seus textos provações nas quais foram possíveis retirarmos pontos significativos para que pudéssemos realizar a nossa investigação sobre o objeto de pesquisa do presente trabalho. É importante ressaltar a importância de explorar mais esse campo de significativos sociais em que o sujeito educador está inserido.

No que diz respeito à subjetividade do docente universitário em relação à sua saúde mental, a pesquisa abordou, à luz da psicanálise, contribuições freudianas para discernir o que aprisiona o sujeito docente, possibilitando que ele compreenda seus processos de adoecimento na subjetividade de uma reflexão e conhecimento de um saber sobre si mesmo. Conforme Sigmund Freud:

“O método psicanalítico se diferencia de todos os sugestivos, persuasivos, etc., porque não tenta dominar autoritariamente nenhum fenômeno psíquico do indivíduo. Procura descobrir a causa do fenômeno e suprimi-lo por meio de uma modificação duradoura de suas condições genéticas” (FREUD, 1950, p. 109).

Os efeitos da transmissão do saber psicanalítico para o docente universitário podem ser propiciados por meio de uma formação clínica em psicanálise, análise pessoal ou participação em grupos clínicos de acompanhamento.

É necessário contextualizar melhor esses profissionais, pois a tarefa de formar sujeitos críticos e conscientes é desgastante, embora prazerosa. O fazer docente em transmitir e receber conhecimento, ter uma participação significativa nas transformações

e ressignificações da convivência dos sujeitos na sociedade, emerge o seu desejo pela prática profissional.

No entanto, quando o sofrimento psíquico ultrapassa os limites de sua atividade, tornando-se um laço perverso, é recomendável a aplicação da psicoterapia em fala e escuta, de acordo com a subjetividade de cada um. Dessa forma, o docente compreende melhor sua prática, suas relações e enfrenta suas angústias e dores.

REFERÊNCIAS

DE SOUZA, Andréia; GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. A construção histórica da sexualidade: porque ela ainda é um tabu? **Educere - Revista da Educação da UNIPAR**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 547-559, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/educere/article/view/10164>. Acesso em: 27 nov. 2023.

DIEHL, MARIN. **Adoecimento Mental em Professores Brasileiros: Revisão Sistemática da Literatura**. Pepsic. Londrina, vol.7, n. 2, dez. 2016.

MACHADO, Liliane Campos. **A Identidade Profissional do professor Formador de Professores**. EdUECE, Livro. 2014. p. 03977-03988. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/identidade%20profissional%20DO%20professor%20formador%20DE%20professores.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. Petrópolis: Vozes, 2015.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho**. 2.ed. São Paulo: Cortez – Oboré, 1987.

FILHO, CHAVES. **A Relação Entre Psicologia e Educação: Ofícios Entrelaçados**. Acta Scientiarum. Maringá, v. 38, n. 3, p. 309-318, July-Sept., 2016.

FREUD, Sigmund. **Esquema da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Delta S.A, 1950, v.x.

_____. **O Futuro de Uma Ilusão**. Rio de Janeiro: Delta S.A, 1950, v.x.

_____. **O Mal Estar na Civilização**. 8.ed. SP: Schwarcz S.A, 2016.

_____. **Técnica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Delta S.A, 1950, v x.

FRANCO, Maria A. do R. S. **Pedagogia e Prática Docente**. SP: Cortez Editora, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

KUPFER, Maria Cristina. **Educação Para o Futuro**. Psicanálise e Educação. 2. ed. SP: Escuta, 2001.

LAPLANCHE, Pontalis. **Vocabulário da Psicanálise**. 11.ed. SP: Martins Fontes, 1991.

LAVILLE, Claudine Blanchard. **Os Professores Entre o Prazer e o Sofrimento**. SP: Edições Loyola, 2005.

MARTINS, Soraya Rodrigues. **Clínica do Trabalho**. SP: Casapsi, 2009.

PEDROZA, Regina Lucia S. **Psicanálise e educação**: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. *Pepsic*. São Paulo, n. 30, jun. 2010.

SILVA, E. P. **Adoecimento e sofrimento de professores universitários**: dimensões afetivas e ético-políticas. *Teoria e Prática*. São Paulo, v .17, n. 1, p. 61-71, jan.-abr. 2015.